

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes

Nome: Fernanda Carradore Franco
N. USP: 7584356

CBD0247 Introdução à Museologia
Docente: Martin Grossman

**Relato Crítico – ICOM 2013 “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social
*International Council of Museums***

Em agosto de 2013, o Brasil recebeu a 23ª Conferência Geral do ICOM (Conselho Internacional de Museus), evento realizado a cada três anos e que traz discussões da área com profissionais, e o debate aborda os rumos da museologia. O tema “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social” abriu caminho para abordagens sobre o papel transformador do museu por meio da memória social. Como discutido também em sala de aula, o Brasil pode ser considerado pioneiro em criatividade e inovações na museologia, devido a adaptações na forma de expor e de contar uma história dentro do museu, fazendo este possuir outras funções dentro da sociedade, podendo ser interpretado e contextualizado de outras formas. O Museu de Arte de São Paulo (MASP), juntamente com o processo criativo da arquiteta Lina Bo Bardi, é um exemplo de uma nova concepção de museus como um projeto experimental e exclusivo de inserção na cidade como atrativo e no imaginário como memória social dos habitantes.

O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, ex-diretor do Museu Paulista e que também atuou como organizador do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, abriu o ciclo de palestras falando sobre o museu e a condição humana. Os dois eixos temáticos propostos no tema, memória e criatividade, são discutidos de forma a trazer e pensar em resultados em termos de consciência política e social e assim abrir novas discussões. A sensorialidade que ele fala, relacionada à busca do corpo por uma relação objetiva entre o homem, o museu e os objetos, a materialidade do nosso ser, ambos desempenham um papel fundamental nas ações de nossa

memória. A chamada memória hábito ou memória “encarnada”, como cita Ulpiano, que é aquela que nos permite os comportamentos repetitivos, ou seja, a memória do saber-fazer, esta pode ser considerada algo que já está em nosso subconsciente e dispensa qualquer racionalidade, mas mesmo assim orienta nossas ações. Por exemplo, a cozinheira que sabe desde pequena a receita da família, não precisa seguir um livro de receitas, pois a memória já faz parte de seu corpo que tomam ações praticamente involuntárias e automáticas. Citando a antropóloga grega Nadia Seremetakis, diz que “*a memória não pode ser confinada a uma esfera puramente mentalista ou subjetiva, pois consiste de uma prática material, culturalmente mediada e ativada por atos corporificados e objetos semanticamente densos*”. Sendo assim, as lembranças nos chegam por intermédio do suporte sensorial e, como coloca o historiador, o corpo humano pode funcionar como recurso de transmissão cultural, através da dança, por exemplo, cuja performance corporal pode se tornar preservação ou continuação de uma memória.

E onde entram os museus? Discutem-se dois paradigmas de memória: a memória textual, isto é, o conhecimento sobre as coisas, os fenômenos; e a memória experiencial, ou seja, a memória dos fatos e a partir dos fatos. Há uma diferença entre sentir memórias e ler memórias. Entendemos que o paradigma textual é mais presente em museus, uma vez que este parece ser mais confiável e objetivo por utilizar da linguagem como meio de comunicação. Fazendo uma crítica a isto, Ulpiano aponta que o problema é justamente compreender somente essa memória do texto propriamente dito, enquanto que o paradigma experiencial é muitas vezes esquecido, se ignorando os conhecimentos sensoriais e pragmáticos, da experiência. Então é lançado o paradoxo das instituições museológicas: “*(...) os museus se acreditam em lugares de memória, mas com frequência se reduzem a vitrines de uma memória alienada da experiência e da subjetividade, e é isso que é a memória na vida social, em que se exibam mais as imagens da memória do que memórias materializadas*”.

Jorge Melguizo, comunicador social colombiano e conferencista neste ICOM, faz uma apresentação intitulada “O que deve acontecer quando você sai do museu?”.

Melguizo inicia sua apresentação compartilhando o caso de sua cidade, Medellín, e a transformação cultural e social que vem sendo realizada na cidade, que era considerada uma das mais perigosas na Colômbia. Ele diz que projetos sociais, educativos são as principais formas de fazer uma real mudança na dinâmica da cidade. A partir deste ponto ele aponta sua apresentação que intenciona discutir todas as etapas e sentimentos de um visitante do museu: o antes, durante e depois.

Ele cita que os museus tendem a intimidar os visitantes do lado de fora, devido a grande incerteza de boa parte da população, que não os veem como espaço de encontro, como possibilidade, que não os sentem ou vivem como parte de suas vidas cotidianas. A questão provocada é justamente como fazer com que o museu passe a fazer parte do cotidiano destas pessoas. É necessária uma nova definição das instituições museológicas? Como o museu pode agir na sociedade, para melhorá-la? Como buscar a definição do museu como um personagem de transformador e de inclusão social? Discussões como uma reestruturação da curadoria, a necessidade do museu reconhecer sua comunidade primeiramente a pensar em seu acervo, são apontados por Melguizo. O discurso nos leva a pensar na forma como os museus e as curadorias mais tradicionais trabalham com suas exposições, onde muitas vezes a pesquisa se coloca depois da seleção do acervo dentro do processo museográfico. Acredito que a proposta do conferencista nesta etapa é mostrar que uma pesquisa da comunidade, da história, é muitas vezes mais importante para depois então seguir com o processo de seleção e documentação.

E afinal, o que alguém deve pensar ao sair do museu? Esta é a grande questão de sua palestra e que deveria ser a questão de muitos museus e da própria sociedade. Melguizo aponta a importância do questionamento de suas próprias memórias e da construção de outras novas quando saímos de um museu. E ressalta também a importância das curadorias em pensar o papel do museu na sociedade e como ele poderia ter um desempenho de transformação social e educativa, trazendo muito mais benefícios para a população e o entorno que atinge.

José Wisnik, em seu relato, conta de sua experiência como curador de parte do Museu da Língua Portuguesa de São Paulo. A localização do museu está ligada com seu entorno que contempla a que foi uma das principais estações ferroviárias de São Paulo, onde a maior parte da população chegava e saía. Hoje em dia, ainda representa um hub importante da cidade, onde fica o “museu da palavra”, como citado por Wisnik. A concepção da Praça da Língua, parte do museu em que foi curador, foi pensada e inspirada em uma canção de Caetano Veloso chamada Língua e que envolve uma pergunta sobre o destino da língua portuguesa. E isto gerou a pergunta para a curadoria: “O que quer e o que pode um museu da palavra?”. O espaço foi pensado como um lugar para se escutar poemas e projeções em vídeo em todas as dimensões da sala que representavam o reino das palavras, algo que se tornava envolvente junto com os áudios de poemas de diferentes épocas.

Algo interessante é a mescla de poemas antigos com áudios com referências musicais mais contemporâneas. Um exemplo que foi exposto em sua palestra é de um poema do século XVII de Gregório de Matos em uma leitura cantada em um ritmo de rap e forte. Wisnik aponta a questão pedagógica e desafiadora nesta “provocação” proposta pela forma que o poema é declamado.

Wisnik enxerga esta iniciativa que foi pensada para o museu como algo que deveria ser usado didaticamente por professores e desenvolvido, até mesmo recriado em outros padrões, para o ensino da literatura nas escolas, mudando assim a forma de aprendizado a partir destas releituras. Sua crítica é pautada na falta de interesse nas instituições em não renovar suas ideias e sempre em tentar manter um padrão que passa a ser seguido em outros espaços, mas que não “evolui”. Neste exemplo da ideia proposta para o Museu da Língua Portuguesa, ele conta que a ideia é que novos estilos fossem recriados, para que os visitantes se interessassem em ir novamente ao museu, sabendo que sempre poderiam ver algo diferente.

Mia Couto, escritor e biólogo moçambicano, durante sua conferência, exalta a relação entre o museu e o tempo. Fazendo um paradoxo com o tema do evento “Memória e Criatividade”, Couto diz que este é um falso conflito, uma vez que “*não há*

em rigor fronteira entre recordar e inventar. O passado e o futuro são duas margens de uma mesma miragem". Desde os tempos antigos, com a criação dos primeiros museus, a referência do museu como um "templo do tempo" já foi concebida, uma vez que buscava expor os artefatos de forma cronológica. Assim como nossas vidas são baseadas a partir de memórias que retratamos de forma cronológica, pautadas no tempo, assim foi concebida a ideia do museu.

"Vamos ao museu não exatamente para vermos os artefatos, mas sim para vermos a nós próprios como inventores do tempo". Couto compartilha experiências de sua infância e com esta fala ele parece juntar a ideia desta concepção do museu ligado ao tempo, assim como fazemos esta relação em nossas vidas e com os objetos que nos ligam a ele no tempo. O tempo da atualidade que ele critica em sua fala, aquele que vivemos atualmente, é um tempo de consumismo e onde estamos presos em um tempo que não se vive mais, e sim que estamos preocupados em registrar. A maior parte da sociedade lamenta não ter tempo para nada, não ter tempo para ir ao museu ou visitar amigos, quando na verdade precisamos de um tempo que seja nosso e não de mais tempo. Assim, criamos um "museu interior" a partir deste luto pensado por nós mesmo, de acharmos que nunca teremos tempo para fazermos tudo o que queremos.

Afinal, os museus são templos do tempo? Ele discorda, pois para isto deveria haver apenas um tempo único, e os museus não devem ser templos do tempo, pois devem evitar elitização da arte e sacralização do passado, e sim ser um lugar de cultura e de construção da cidadania. Ele cita até mesmo Jorge Melguizo, palestrante do mesmo evento, quando diz que as instituições deveriam ser mais próximas das pessoas e justamente buscar a transformação da sociedade.